



NATUREZA, POESIA, RITMO E MELODIA DA VIDA
O tempo do camponês, do marinheiro e do guerreiro

*Emerson Facão*¹

 <https://orcid.org/0000-0003-1024-8029>

 <https://doi.org/10.33871/27639657.2023.3.2.8254>

RESUMO: A luta pela sobrevivência despertou no homem o reconhecimento da Natureza (*Phýsis*) como forças imortais. Essa experiência foi importante para ampliar o poder de observação, atuação e comunicação entre o mundo divino e humano para (re) organização social, política e pedagógica. Nas obras de Homero e Hesíodo podemos encontrar a reunião da beleza da criação humana que é o resultado desse diálogo inspirado e conturbado com a Natureza. O presente artigo visa apresentar algumas reflexões sobre o processo de desenvolvimento cultural grego através da imagem do camponês, do marinheiro e do guerreiro que encontramos em algumas fontes antigas que serviram como horizonte existencial para encontrar a sua eudaimonia na antiguidade.

Palavras-chave: Marinha; Agricultura; Guerra.

NATURE, POETRY, RHYTHM AND MELODY OF LIFE
the time of the peasant, the sailor and the warrior.

Abstract:

The struggle for survival awakened in man the recognition of Nature (*Phýsis*) as immortal forces. This experience was important to expand the power of observation, action and communication between the divine and human world for social, political and pedagogical (re)organization. In the works of Homer and Hesiod we can find the combination of the beauty of human creation that is the result of this inspired and troubled dialogue with Nature. This article aims to present some reflections on the process of Greek cultural development through the image of the peasant, the sailor and the warrior that we find in some ancient sources that served as an existential horizon to find their eudaimonia in antiquity.

Key words: Navy; Agriculture; War.

¹ Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-RIO. É atualmente professor e coordenador pedagógico no projeto "Estude o Funk" no centro cultural da Fundação Progresso. Email: emersonfacao@hotmail.com





INTRODUÇÃO

Durante a idade das Trevas houve uma profunda transformação no aspecto geopolítico que alterou de modo irreversível a estrutura sociocultural dos povos que habitavam em várias localidades do Mediterrâneo. Entre as grandes civilizações que se destacaram no decorrer do Período de Bronze podemos citar a *cultura cicládica, minoica e micênica* como sendo alguns dos maiores expoentes desse contexto histórico, e que foram determinantes para o processo de formação da cultura pré-helênica². Sabe-se que esses povos durante muito tempo alcançaram alto desenvolvimento humano que pode ser constatado pelos vestígios arqueológicos encontrados em algumas localidades que estão entre os limites da Europa, África e Ásia³. Para conquistar esse bom desempenho econômico e tecnológico, essas culturas tiveram que trocar seus aprendizados nas mais diversas áreas através do *diálogo* e das *leis de hospitalidade*⁴.

Entre esses saberes podemos destacar os conhecimentos adquiridos na *área agrícola metalúrgica, militar, hípica, náutica e musical*. A partir do uso compartilhado de muitas ferramentas de cunho doméstico, artístico e militar, os arqueólogos podem avaliar o alcance e a disseminação dessas atividades tecnológicas. Nesse sentido, a proximidade geográfica foi equivalente à proximidade cultural que facilitou esse processo de comunicação. Por tanto, podemos deduzir que o intercâmbio foi um dos fatores cruciais para essa expansão que culminou no crescimento econômico, social e político desses povos. Sem essa troca, que foi motivada em grande parte pelo interesse comercial mútuo, essas civilizações não poderiam ter encontrado esse período de prosperidade, e nem alcançado o aperfeiçoamento desses saberes úteis para o mundo humano na antiguidade. A nossa maior dificuldade é compreender os meandros de como esse processo se deu até o momento de uma súbita

² Para mais informações sobre esse ponto recomendamos a leitura do segundo capítulo da seguinte obra: Finley, M.I. *Early Greece: The Bronze and Archaic Ages*. W. W. Norton & Company, 1982. E a introdução do seguinte livro: VERNANT, J-P. *As Origens do Pensamento Grego*. Trad. Ísis Borges B. da Fonseca. Rio de Janeiro. Difel; 2002.

³ Ibidem.

⁴ Philoxenia/Hospitalidade. Essa prática antiga pode ser encontrada em diversas partes da obra homérica. Vide HOMERO, *Odisseia*, Canto 9, vv.172-210.



ruptura que levou ao início de uma decadência generalizada que é apontada por muitos especialistas como uma das catástrofes mais horripilantes da nossa história⁵.

Os estudos arqueológicos indicam que os remanescentes dessa tragédia passaram por um grave retrocesso que obrigaram a viver de forma mais simples e recuada, pois a estrutura palaciana centralizada em torno de um rei divino que possuía amplo domínio *marítimo* e *militar* desapareceu dando lugar a um modelo de vida mantido por uma agricultura de subsistência. E nesse momento surge no imaginário coletivo o destaque do *campesino* como um herói trágico que necessita reaprender a dialogar com as divindades tectônicas detentoras do poder da terra, e do nascimento, como a antiga deusa *Hécate* de origem micênica⁶. Nesse novo contexto, o seu trabalho é salutar para a sustentação de cada povoado que vem carregando em suas próprias mãos as marcas do esforço e do sacrifício constante, pois não possui mais o aparato tecnológico e nem humano de outrora.

Essa nova reconfiguração sociopolítica revela uma radical quebra rítmica não apenas das relações internas, mas externas entre culturas afins que interrompeu o processo progressivo civilizacional que vinha sendo realizado de forma mais estruturada para um modelo modesto de organização baseado em pequenos clãs. Aliás, é importante ressaltarmos que esse ponto foi amplamente tematizado por muitos pensadores antigos ao refletirem sobre os caminhos que o homem deveria buscar para encontrar a sua *plenitude existencial*⁷. Todas essas transformações trágicas ocorridas com os seus antepassados ainda estavam muito presentes na vida dos gregos, e por isso a poesia e a filosofia utilizaram essas fatídicas lembranças como matéria prima para a literatura oral e escrita posteriormente.

Há muitas teses que tentam encontrar as explicações para esse grande colapso que redefiniu todas as relações sociopolítica do Mediterrâneo, mas ainda é um grande mistério a

⁵ Para mais informações sobre essa questão recomendamos a leitura do primeiro capítulo do seguinte livro: DREWS, R. *The End of the Bronze Age: Changes in Warfare and the Catastrophe ca. 1200 B.C.*. Princeton University Press; 1993.

⁶ Vide o hino a Hecate na *Teogonia* de Hesíodo, vv. 404 a-452.

⁷ PLATÃO, *Filebo*, 11 d.



ser solucionado pelos historiadores. O mais impressionante é encontrar no período homérico ecos de algumas dessas práticas culturais que marcaram a vida desses povos predecessores dos gregos. Para a arqueóloga americana Emily Vermeule (Vermeule, 1964, pag. 12), a obra homérica não pode ser utilizada como um relato histórico fidedigno sobre os antecessores dos gregos, mas ela reconhece, pelo menos, que os cantos ilustram muitas tradições micênicas mesmo passando por diversas adaptações produzidas pelo corpo de poetas orais responsáveis por manter essa obra viva. Seja como for, as lembranças desses antepassados podem ter sido tudo o que restou para ajudar os remanescentes a encontrar um meio de se reerguerem a partir de suas feridas e ruínas mais agonizantes.

O que a arqueóloga traz como um problema para os gregos pode ter sido considerado como uma solução. Para tal, se faz necessário desenvolvermos um exercício hipotético a partir de uma história de um passado glorioso que de repente transformou-se em dor e sofrimento. Esse tipo de lembrança produz sem dúvida alguma um despertar que faz o nosso pensamento permanecer em estado de alerta constante depois de ter experienciado um acontecimento tão traumático. O problema não é apenas encarar a morte, mas o terror e a impotência diante de uma súbita força devastadora que dilacera os pilares de uma sociedade inteira. Algo similar pode ser constatado com a queda de Tróia, que foi assistida e sentida pelo grande rei Príamo. Independentemente do possível caráter ficcional que muitos historiadores céticos atribuem ao trabalho de Homero, a experiência cantada em seus belos versos sobre essa trágica história produz em nós uma reflexão, e um sentimento de comoção, que de alguma forma marcou a vida do povo helênico na antiguidade. Não há como não se sensibilizar com o sofrimento dos troianos que assistiram a sua cidade ser consumida pelo fogo. No livro I da *Ética a Nicômaco*, Aristóteles apresenta uma questão crucial a partir desse fatídico episódio para estudar o significado de *felicidade*, e eis aqui mais uma prova da influência desses dissabores experimentados pelos seus predecessores como matéria prima para o estudo ético durante o período clássico grego⁸:

⁸ Eudaimonia: plenitude existencial.



“É natural, portanto, que não chamemos feliz nem ao boi, nem ao cavalo, nem a qualquer outro animal, visto que nenhum deles pode participar de tal atividade. Pelo mesmo motivo, um menino tampouco é feliz, pois que, devido à sua idade, ainda não é capaz de tais atos; e os meninos a quem chamamos felizes estão simplesmente sendo congratulados por causa das esperanças que neles depositamos. Porque, como dissemos, há mister não só de uma virtude completa, mas também de uma vida completa, já que muitas mudanças ocorrem na vida, e eventualidades de toda a sorte: o mais próspero pode ser vítima de grandes infortúnios na velhice, como se conta de Príamo no Ciclo Troiano; e a quem experimentou tais vicissitudes e terminou miseravelmente ninguém chama feliz. Então ninguém deverá ser considerado feliz enquanto viver, e será preciso ver o fim, como diz Sólon? Mesmo que esposemos essa doutrina, dar-se-á o caso de que um homem seja feliz depois de morto? Ou não será perfeitamente absurda tal ideia, sobretudo para nós, que dizemos ser a felicidade uma espécie de atividade? Mas, se não consideramos felizes os mortos e se Sólon não se refere a isso, mas quer apenas dizer que só então se pode com segurança chamar um homem de venturoso porque finalmente não mais o podem atingir males nem infortúnios, isso também fornece matéria para discussão. Efetivamente, acredita-se que para um morto existem males e bens, tanto quanto para os vivos que não tem consciência deles: por exemplo, as honras e desonras, as boas e más fortunas dos filhos e dos descendentes em geral”⁹.

Uma questão que chama a nossa atenção, dentro dessa perspectiva apresentada pelo filósofo macedônio, é que pouco importa se esse incidente com o rei troiano ocorreu ou não de fato. Esse não é o problema, e nem se quer é mencionado em seu livro. O que é relevante é a situação desesperadora vivida pela personagem, e que foi apresentada pela obra homérica que trouxe ao filósofo um vasto material para a sua pesquisa filosófica, e no estudo da arte poética em torno da estruturação das ações e um determinado campo de possibilidades¹⁰.

A interdependência entre os seres e as coisas mostram-se como mais uma verdade que a Natureza impôs aos homens de maneira contundente através de um complexo encadeamento causal. Basta lembrarmos das consequências terríveis que levaram à queda

⁹ Aristóteles, *Ética a Nicômaco*, livro I, 1100. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Borheim.

¹⁰ Vide os estudos sobre essa questão apresentados pelo filósofo na *Arte poética* nas seguintes passagens: 1450 a 33 - 1451 b. Esse trabalho traz muitos aspectos de total proximidade com os estudos desenvolvidos no livro da *Ética a Nicômaco*.



de Tróia que surgiram das escolhas impulsivas tomadas por Páris e Helena. Essas decisões partiram de um contexto particular e produziram um efeito terrível sobre a Hélade inteira. E essas marcas estão impressas por todos os cantos do mundo mediterrâneo. E talvez esteja aí um dos motivos pelo qual os gregos reformularam o uso da poesia para a sua reconstrução política e social como um instrumento pedagógico e preventivo, pois antes ela estava à serviço de manter o equilíbrio sociopolítico através do poder da realeza¹¹. Como é sabido essa expressão carrega todo um valor existencial que foi determinante para a vida de muitos povos antigos¹². O caso dos gregos não foi diferente. A riqueza do conhecimento musical que sempre esteve à serviço da oralidade permitiu o aperfeiçoamento de fundo e forma dessa arte das *musas* para atingir a sua primazia no mundo antigo. A partir dela, o homem pôde reencontrar o limite de atuação entre o mundo humano e divino em um novo contexto que foi determinado por esses acontecimentos que marcaram o fim da *Idade do Bronze* e o início da *Idade das Trevas*. Em todas as épocas e culturas podemos encontrar figuras que se despontam como os responsáveis pelo processo pedagógico e de comunicação que são importantes para manter a instabilidade sociopolítica e religiosa de cada povo.

O poeta é aquele ser inspirado que estabelece os pontos cardeais que são ditados pelos deuses para a construção de um itinerário no mar turbulento da vida. A poesia trouxe o poder de criação que está em seu radical como a herança divina oriunda da Natureza para empregá-la em sua máxima potência através do fogo roubado por Prometeu, e que serve também, em muitos casos, para provocar a destruição. Essa foi uma lição que um dia foi observada com grande profundidade pelo filósofo efésio Heráclito. O poder é universal, mas a decisão e controle desse segredo sagrado passa pelas mãos de seus detentores a partir de interesses particulares e que tem efeito sobre o coletivo, e nem sempre as escolhas tomadas são as melhores para o indivíduo e nem a comunidade, pois pode acarretar consequências

¹¹ Vide o estudo apresentado por Marcel Detienne No capítulo dois da seguinte obra: DETIENNE, M. “*Os mestres da Verdade na Grécia Arcaica*”, Trad. Andréa Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

¹² A epopeia de Gilgamesh é uma das mais antigas do mundo mediterrâneo. Estima-se que a sua versão escrita foi criada entre o século XII e XI a.C. Para mais informações indicamos a leitura da introdução do seguinte livro: SIN-LÉQI-UNNÍNNI. “*Ele que o abismo viu*”. Tradução do acádio, introdução e comentários por Jacyntho Lins Brandão. Ed. Autêntica, 2017.



desastrosas e irreversíveis para o mundo humano como um todo. A *fortuna* e a *Virtude*¹³ não são permanentes, e a qualquer momento elas podem vir a faltar trazendo tristes acontecimentos que podem mudar radicalmente a vida de todas as pessoas de uma comunidade. Essa é uma das maiores lições que podemos aprender através da obra homérica.

A própria tragédia grega traz essa verdade a partir de muitas perspectivas que faz cada um de nós reconhecer a fragilidade de nossos limites como seres mortais. Não há dúvida de que esse tipo de sentimento estranho produziu uma profunda marca na alma de todos os sobreviventes, e paradoxalmente, ele pode ter sido o meio pelo qual os povos pré-helênicos utilizaram para renascerem de suas cinzas alcançando novamente o seu mais pleno esplendor através do poder de superação da arte e, posteriormente, abrindo espaço para o desenvolvimento da filosofia. Todos os destroços desses lugares traziam consigo as lembranças gloriosas e de mais profundo pesar, mas, ao mesmo tempo, estavam ali muitas informações preciosas que foram aos poucos sendo redescobertas e reaproveitadas para a construção de um novo horizonte que guiou a cultura helênica. A *alteridade* e o *diálogo* ganham uma nova tonalidade dentro das relações políticas e sociais após a queda do rei divino. Ele já não é mais a figura que sustenta o equilíbrio da sociedade com o auxílio dos poetas e deuses. Surge um novo ritmo que foi imposto por todas essas experiências que possibilitou uma dinâmica que pavimentou essa estrada construída por novos atores que utilizaram velhos papéis em um cenário recriado belamente com os restos desses escombros.

A partir de algumas atividades icônicas desse passado, que foram responsáveis em levar a prosperidade para cada cultura antiga, podemos redefinir alguns desses trajetos que foram norteadores para a nova vida desses povos através da imagem do *camponês, do marinheiro e do guerreiro*. Até hoje essas funções são de extrema importância para qualquer nação, e no mundo antigo não era diferente. Cada uma delas corresponde estrategicamente aos meios funcionais necessários para sustentar a soberania dessas sociedades de modo

¹³ Tique e Aretê.



integrado com outras práticas¹⁴. Na maioria dos vestígios encontrados nos sítios arqueológicos podemos constatar inúmeros registros dessas atividades, e de como elas eram essenciais para a vida do homem mediterrâneo como um todo. E cada uma dessas funções operando com o seu próprio ritmo ia aos poucos construindo a dinâmica e a duração que fornecia a tonalidade existencial de cada povo, e que ajudou a registrar a sua permanência na história desse período. Os maiores desafios encontrados nesse ambiente foram determinantes para a busca do domínio dessas artes que se tornaram responsáveis pela própria subsistência humana nesse território formado por muitos contrastes de ordem natural e cultural.

O diálogo com essas *forças divinas*¹⁵ não foi uma tarefa fácil, e certamente levou muito tempo para que isso ocorresse de modo mais satisfatório através da memória e transmissão dessas experiências coletivas. Basta lembrarmos novamente do *mito de Prometeu* que relata, entre outras coisas, o esforço e o sacrifício pela busca do conhecimento utilizado para a sobrevivência humana em um território marcado pela “*guerra entre os deuses*”¹⁶. Logo, o processo de transmissão desses conhecimentos tornou-se uma necessidade vital para a prosperidade e continuidade dessas civilizações na *Idade do Bronze*. Em muitos afrescos encontrados em Cnossos podemos perceber como essas tarefas estavam integradas na vida ordinária através das práticas religiosas cotidianas que relatavam esse diálogo entre o mundo humano e divino, e que foram *imortalizadas* pelas artes plásticas e a música¹⁷.

Através da memória coletiva todas essas atividades foram mantidas, repassadas e aprimoradas, de geração em geração. O aperfeiçoamento das técnicas musicais, e das construções dos instrumentos, sobretudo de cordas, contribuíram imensamente, por exemplo, para a expansão do processo de subjetividade como também a permanência e

¹⁴ Vide o exemplo da carpintaria.

¹⁵ Fenômenos naturais.

¹⁶ Essa talvez fosse uma das formas de interpretar as turbulências e instabilidade das forças naturais nesse período.

¹⁷ Para o arqueólogo britânico Leonard Woolley uma forma de avaliar o desenvolvimento de uma sociedade se dá através da atuação artística nesses antigos grandes centros antigos, e da sua proximidade com os seus vizinhos. Para mais informação sobre essa questão recomendamos a leitura da introdução do seguinte livro: WOOLLEY, L. “*A Forgotten Kingdom*”, Ed. Penguin Books, 1953.



transmissão desse legado cultural no mundo mediterrâneo durante todo esse momento histórico. Conseqüentemente, a memória dessa prática foi determinante para a retomada e aprimoramento da poesia no período homérico mesmo depois da passagem conturbada pela *idade das trevas*¹⁸ que ocasionou uma profunda ruptura nas relações sociais desses povos na região mediterrânea. Graças ao poder da *oralidade*, a *Mitologia*¹⁹ pôde se manter viva e ser difundida - e recriada - para atender as finalidades específicas desse novo contexto social que estava se formando na urgência da perseverança desses sobreviventes. Através do trabalho de *aedos* como Homero e Hesíodo esse objetivo foi alcançado em sua máxima eficiência ao reunir esse vasto e disperso banco mnemônico que se fragmentou com a chegada da *Idade das Trevas*. Mesmo com todas as alterações ocorridas, esse poder atravessou enfraquecido como uma pequena chama que aos poucos foi retomando o seu brilho e vigor através da força da memória compartilhada.

A cultura helênica soube aproveitar com extrema maestria todas as lembranças de seus antepassados para poder ressignificar o sentido de seu próprio processo civilizatório. Uma prova desse fato pode ser encontrada nos estudos textuais e do processo de transmissão da *Iliada* (West, 2001, pag. 28), que foi realizado pelo filólogo britânico Martin Litchfield West. Nessa pesquisa, o helenista detectou o uso de formas arcaizantes na obra de origem oral herdada da língua micênica que foi utilizada para a composição poética, e que serviu de base para o próprio idioma helênico. Essa memória recuperada por esses antigos *aedos* ajudou a reconstruir esse novo mundo que partiu de todas essas cinzas recolhidas do passado. Através das obras desses ilustres artistas podemos encontrar traços de outros povos que nos demonstra a sofisticação de algumas práticas que ajudaram a delinear definitivamente toda configuração geopolítica dessa região. Não cabe a nós entrar na interminável discussão em saber até que ponto podemos utilizar as obras poéticas como relatos históricos para a reconstrução desse passado distante. O nosso trabalho visa apontar

¹⁸ Na *Arte Poética*, 1448b-20, Aristóteles afirma que essa arte era praticada desde tempos remotos antes do período homérico. Além das fontes arqueológicas da Idade do Bronze, essa passagem é de extrema importância para dimensionar o alcance dessa atividade no mundo antigo.

¹⁹ Para mais informações sobre essa questão recomendamos a leitura da introdução do seguinte livro: M. P. Nilsson *"The Mycenaean Origin of Greek Mythology"*. University of California Press; 1972.



alguns arquétipos que podemos encontrar não apenas nas obras de cunho literário, mas, sobretudo nos registros arqueológicos, como citamos anteriormente nesse presente trabalho. Cada uma delas foi responsável em imprimir um ritmo singular que contribuiu para ajustar a dinâmica cultural da sociedade helênica. A relação entre esses indícios nos oferece uma paisagem que apresenta a contribuição e a riqueza multicultural vinda de diversos lugares que exerceu um decisivo papel na formação do caráter dessa nova sociedade que precisou reconstruir o seu passado para garantir o seu presente e futuro. O reaproveitamento dessas lembranças oferecidas pela *Mitologia* revela, entre outras coisas, a sua contribuição pragmática, e determinante nas relações sociais desses remanescentes. Esse é um fator que não pode ser desconsiderado, pois ele ainda exerce esse papel em muitas culturas nativas em diversas partes do nosso mundo contemporâneo.

A seguir vamos apresentar um recorte que parte de três figuras icônicas que estavam muito presentes e atuantes desde a *Idade do Bronze*, e que resistiram bravamente as grandes turbulências geradas na *Idade das Trevas* até ressurgirem no período *pré-homérico* através do processo de *mestiçagem* - que ocorreu entre o povo *aqueu, dórico, eólio e jônio*, que marcou o surgimento da cultura helênica posteriormente. Para fins meramente expositivos, vamos abordá-las partindo do pressuposto funcional que cada uma dessas atividades desempenhou desde o mundo pré-helênico na construção sociocultural. A primeira delas é a *atividade agrária* que foi imortalizada pela imagem do campesino. Desde os primórdios, o homem precisou encontrar uma forma de dialogar com as divindades responsáveis pela fertilidade e o cultivo correto da terra para poder receber o seu suado sustento. Uma dessas formas utilizadas para alcançar esse objetivo foi compreender o *tempo cíclico* que envolve as estações do ano para estabelecer uma conexão mais proveitosa com essas forças divinas. Esse ritmo cadenciado, e circular, e que impõe o equilíbrio da vida, é respaldado por uma *harmonia primordial* que precisa ser conquistada por cada lavrador que busca encontrar literalmente os frutos que poderão alimentar a sua comunidade. O estudo posterior da astronomia foi marcado por essa atividade primária que precisou desenvolver uma observação arguta dos fenômenos naturais para alcançar os mais básicos objetivos da subsistência humana.



E aos poucos esse homem vai descobrindo a imagem de uma ordem silenciosa e invisível que está em todas as coisas. Após essa constatação surge uma voz que diz que não podemos agir de forma imprudente ou desrespeitosa com essas divindades. Todo cuidado é pouco, pois para cada ato há um efeito, e para cada efeito uma consequência. Uma complexa cadeia de causalidade vai se mostrando como um mapa conceitual para aqueles que se aproximam dessas forças com cuidado, persistência e respeito, e nela a recompensa que pode ser obtida na próxima colheita. Esse foi um dos primeiros diálogos que o homem teve que estabelecer a duras penas com a Natureza. Quando ele descobre esse caminho de contato com a terra esse conhecimento passa a ser parte integrante da vida comunitária. Em muitas representações religiosas voltadas para as práticas agrícolas é possível notar o imenso respeito e devoção para cada etapa que envolve esse contato íntimo diário com a terra, e que faz desse trabalhador uma figura imensamente reconhecida pelo seu esforço e cuidado em sua comunidade. Basta olharmos a sua presença no imaginário popular de muitas culturas antigas e contemporâneas que reúne em cada relato o esforço constante do homem em tentar estabelecer diálogo com as forças naturais para manter a sua subsistência.

Para o helenista francês Louis Gernet o conceito de herói no mundo antigo apareceu com o status de poderes supra-humano em muitas representações, e ele nasceu de culturas mais remotas no qual uma dessas imagens estava frequentemente associada à terra e à fertilidade (Gernet, 1968, pág. 18), e sob a égide do rei divino esse arquétipo foi amplamente explorado. Depois da sua queda, o herói campesino volta a ser aquele que carrega a qualidade de doador e responsável pela prosperidade em sua pequena comunidade que remonta diretamente ao estágio primitivo de organização social de muitos povos. Na poesia de Hesíodo há uma belíssima apologia sobre essa função que visa destacar a importância e a nobreza dessa classe de trabalhadores humildes que foi tão injustiçada pela organização aristocrática, que ainda clamava por privilégios divinos de outrora²⁰.

Dentro da religião grega há muitos indícios sobre a vida dos campesinos que podem ser encontrados na mitologia, e nos ritos voltados para a colheita e fertilidade como o da

²⁰ Vide o capítulo II da “*Constituição dos atenienses*” de Aristóteles.



deusa Perséfone e Artêmis, e também Dionísio que está associado ao vinho e à desmedida. O mito de Gaia, a mãe-terra, é outra expressão que representa a potência de criação que gerou outros deuses²¹ na *Teogonia* de Hesíodo. Algumas dessas divindades estão totalmente voltadas para essa experiência primordial de manifestação da *Phýsis* através da atividade agrária que forma a base elementar da organização de qualquer comunidade humana. O que podemos afirmar é que muitos desses elementos foram herdados e compartilhados entre várias culturas antigas do mediterrâneo²². Um exemplo apontado por alguns especialistas (Burkert 1985, pág.149) está na figura da deusa Artêmis que representa a vida selvagem, a magia e a lua, que também encontramos na representação da deusa micênica *Hécate* que está associada ao parto e o conhecimento de ervas. Segundo o helenista Walter Burkert, essa divindade carrega as mesmas características da deusa-mãe micênica chamada *Potnia Theron*²³, a *senhora dos animais*. Essa é mais uma prova de como uma antiga divindade se manteve, pelo menos em sua essência arquetípica, inalterada na mitologia grega através dessas práticas de origem campesina que ajudou a erguer a civilização helênica. O poder da memória repassado por esses remanescentes da *Idade das Trevas* foi determinante para que seus descendentes pudessem retomar o conhecimento de plantas medicinais, e muitas práticas de cultivo e ritos, que seguiam à risca, entre outras coisas, o calendário de plantio e colheita. Não é preciso lembrar que mesmo tomando todas as precauções não havia nenhuma garantia de que os deuses iriam oferecer uma colheita farta no próximo ciclo. E esse temor sempre existiu como uma possibilidade angustiante para o mundo dos mortais.

No hino cantado à Hécate na *Teogonia*²⁴ podemos perceber que o sucesso dessa importante atividade era totalmente dependente de um bom diálogo entre outras divindades como o tempo, céu, mar e a terra. Cronides, o filho do Tempo²⁵ deu o poder da juventude

²¹ Hesíodo, “*Teogonia*”, vv.116 -133.

²² Para mais informações sobre esse ponto gostaríamos de recomendar a leitura do primeiro capítulo do seguinte livro: CHADWICK, J. “*The Mycenaean World*” Cambridge University Press, 1976.

²³ Potnia traz o significado de senhora, dama ou mulher. Essa era uma palavra micênica herdada do grego clássico, com o mesmo significado e que encontra um paralelo exato no sânscrito *patni*. Sendo esse mais um vestígio encontrado da influência da cultura micênica sobre a cultura helênica.

²⁴ Hesíodo, “*Teogonia*”, vv. 404-450.

²⁵ Kronos.



luminosa que está em cada aurora, e que simboliza a benfeitoria prosperidade e esperança tão almejada pelos agricultores. Apesar de ser anunciada como filha única pelo poeta, ela é considerada a mais honrada por possuir todos os privilégios necessários para manter o equilíbrio do ciclo da vida. Por isso, há a necessidade de oferecer sempre belos sacrifícios e preces para que a comunidade possa ser honrada com a sua presença acolhedora e feliz.

A segunda figura icônica que aparece no imaginário das culturas do mediterrâneo é a imagem do *marinheiro*. O homem do mar. Essa personagem lendária traz um tipo de conhecimento que se desdobra em muitas outras atividades de extrema importância para o amplo desenvolvimento comercial, econômico e militar das principais civilizações da *Idade do Bronze*. Diferentemente da solidez da terra, o mar que sempre esteve presente na constituição da vida mediterrânea desperta em nós o temor e o fascínio. O desafio de mergulhar em seus segredos até hoje mexe com a imaginação de muitos poetas que sempre cantaram sobre as suas alegrias e tristezas, e que traz consigo as qualidades de *indeterminação* e *instabilidade* da vida que marcou o pensamento grego nas tragédias. Essa força divina, que ao lado de sua mãe Gaia, é representada por Hesíodo na *Teogonia*, aparece como algo grandioso entre os imortais²⁶. O seu vasto corpo forma em extensão e profundidade o horizonte que traz o céu, Urano, como o seu pai. É considerado um dos mais belos dos deuses entre os homens, e não cansa de surpreender os olhos e ouvidos de muitos *aedos* antigos e modernos. Entre a calma e a turbulência a sua presença imponente modificou a vida do homem mediterrâneo desde o período primitivo. As inúmeras aparições de sua figura na literatura grega revelam o encantamento e a importância de desvendar os seus segredos para auxiliar o desenvolvimento do mundo dos mortais em qualquer época histórica.

Compreender e conviver com essa força divina tão intempestiva que rodeia e permeia as entranhas do mundo foi sem dúvida alguma um dos maiores desafios da raça dos mortais. O rio cósmico primordial que atravessa o universo tem parentesco com outras divindades marinhas que estão presentes em vários mitos. Esse fato demonstra a

²⁶ Vide Hesíodo, “*Teogonia*” vv.15-20.



importância de sua imagem dentro da subjetividade coletiva dos gregos que se desdobrou em outras personagens arquetípicas. Uma delas é chamada de Nereu, *o velho do mar*. Dentro da construção cosmogônica de Hesíodo, ele é o filho mais velho dessa divindade líquida. A sua linhagem está associada à maturidade como sinônimo de experiência e sabedoria, que na maioria das culturas antigas carregava o valor de prestígio e respeito. E por isso, ele é considerado justo, e sendo aquele que conhece os bons desígnios que são úteis para ajudar a guiar qualquer comunidade. Todos os epítetos que fazem jus a sua imagem estabelecem relação semântica com o conhecimento e a perspicácia. Como *amante da Terra eles juntos geraram também o grande espanto*²⁷, e eis aqui um dos pontos mais interessantes em sua história. No livro I da *Metafísica*²⁸, Aristóteles afirma que a filosofia surge em sua origem através do *espanto*. O homem é afetado pela perplexidade dos fenômenos naturais que ocorre de várias formas em sua passageira vida. Das dificuldades mais simples até as mais complexas, ele ia galgando aos poucos uma forma de superar essas dificuldades com a sua curiosidade crescente. E como o velho Sócrates nos demonstrou um dia, quem experimenta essa sensação de dúvida inquietante reconhece que *nada sabe*. E é exatamente nesse momento que a atividade filosófica se desenvolve progressivamente para auxiliar a vida humana nesse diálogo com as forças divinas.

Aristóteles na mesma passagem prossegue dizendo que por isso *quem ama o mito, de certo modo é um filósofo*. Ou poderíamos também dizer de outra forma *quem ama a sabedoria de certa forma é um poeta*. Pois como vimos anteriormente, dentro da construção poética de Hesíodo pode-se notar o reconhecimento do espanto que nasceu através do desejo de Nereu sobre a Terra, Gaia. A beleza dessa deusa que desperta o sentimento de admiração, que também é usado para traduzir essa experiência iniciática do ato de filosofar, ao lado da maturidade do velho e multifacetado Nereu, traz como resultado dessa união, o sentido mais antigo para essa atividade do saber que deu origem posteriormente à filosofia. Mesmo com a sua crítica contumaz aos antigos poetas, Aristóteles reconhece de forma sub-reptícia que

²⁷ Thaumanta mégan. Hesíodo, “*Teogonia*”, vv. 235.

²⁸ Aristóteles, “*Metafísica*”, Livro I, 982 b 10.



ambos, a saber, poeta e o filósofo, partem do mesmo sentimento de curiosidade e questionamento sobre as coisas relacionadas ao mundo natural e humano. Logo, o filósofo, mesmo sem querer reconhecer esse parentesco, é um filho bastardo do poeta. O poder de imaginação e plasticidade tão exaltado pela ambiguidade que sempre tentou extrapolar os limites da linguagem, que foi condenado por muitos filósofos como o próprio Aristóteles, posteriormente vai perdendo as forças em um contexto que vai sendo dominado pela lógica fria da razão de uma sociedade letrada de forma artificial e vazia. Mas a poesia resiste, e graças ao poder concedido pelas musas essa expressão continua despertando o nosso interesse em tentar desvendar as riquezas que ainda estão submersas em suas águas mais profundas da criação da *Phýsis*.

Como ressaltamos anteriormente, a poesia surge como uma dádiva divina que é essencial para o processo de manutenção e comunicação das riquezas mais importantes de cada cultura. Por isso que o conteúdo transmitido deve sempre ser mantido na alma de cada pessoa. Uma prova da relevância desse caráter didático na antiguidade pode ser encontrada nessa mesma passagem citada anteriormente sobre o velho do mar. Dentro dessa belíssima genealogia, apresentada pelo poeta, ainda se destaca a denominação de cinquenta filhas nascidas do próprio Nereu. Ou seja, são cinquenta epítetos que estão associados diretamente as características que podemos encontrar até hoje no Mar Egeu (SNELL, 1986. Pág. 44). Esse tipo de associação pode ter sido usado como um instrumento de orientação mnemônico para os antigos navegantes desse corpo divino. Algo similar ao que foi feito com a navegação terrestre e marítima através das estrelas em muitas culturas antigas.

Seja como for, os estudos arqueológicos apontam que o desenvolvimento da arte de navegação passou por um longo período de aprimoramento até alcançar o seu ápice na *Idade do Bronze*. Sem esse domínio as populações não poderiam ter tido acesso as outras regiões, e nem estabelecer contato que foi determinante nesse processo do desenvolvimento cultural. Pois, a constituição geológica do mediterrâneo apresenta um território fragmentado que é formado por muitas ilhas e entrecortado pelo mar, e esse fato obrigou os seus habitantes a desenvolver um conhecimento marítimo para realizar algumas tarefas que



visavam manter a sua sobrevivência nesse espaço, e entres elas estavam o *comércio, o transporte e as atividades militares*. Com o intercâmbio cultural, entre diferentes civilizações, esse tipo de conhecimento se expandiu simultaneamente com o crescimento econômico e social desses povos até o momento que ocorreu o grande colapso que rompeu totalmente esse processo de comunicação, e que afetou o deslocamento de muitos produtos produzidos em várias localidades do velho mundo que contribuiu para a estagnação total dessas culturas colocando um ponto final na *Idade do Bronze*.

No primeiro livro sobre a *história da guerra do Peloponeso*, o historiador ateniense Tucídides disponibilizou preciosas informações que nos ajuda a entender alguns pontos sobre esse passado mais distante e difícil desses remanescentes. Entre eles estão alguns incidentes sobre o processo de dispersão e de reunião desses povos pré-helênicos até a retomada do poder de navegação que só atingiu o seu ápice novamente com a cidade de Atenas:

“É óbvio que a região agora chamada Hélade não era povoada estavelmente desde a mais alta antiguidade; migrações haviam sido freqüentes nos primeiros tempos, cada povo deixando facilmente suas terras sempre que forçado por ataques de qualquer tribo mais numerosa. Não havia, com efeito, movimento comercial e os povos não se aproximavam uns dos outros sem medo, seja por terra, seja por mar; cada povo arava sua própria terra apenas o bastante para obter dela os meios de sobrevivência, não tendo recursos excedentes e não plantando para o futuro, pois a perspectiva de saque por algum invasor, especialmente por não haver ainda muralhas, gerava incerteza. Assim, acreditando que poderiam obter em qualquer parte o sustento para as suas necessidades diárias, os povos achavam fácil mudar de paragem e por isto não eram fortes, quer quanto ao tamanho de suas cidades, quer quanto a recursos em geral. E sempre as melhores terras eram mais sujeitas a tais mudanças de habitantes - as regiões atualmente chamadas Tessália e Beócia, a maior parte do Peloponeso exceto a Arcádia, e as áreas mais férteis do resto da Hélade. Os recursos mais consideráveis que se acumularam em algumas regiões em decorrência da fertilidade de suas terras ocasionaram divergências internas que as arruinaram, e ao mesmo tempo as tornaram mais expostas à cobiça de tribos alienígenas. A Ática, sem dúvida, esteve livre de disputas locais, graças à aridez de seu solo, e, portanto, foi habitada sempre pela mesma gente desde épocas remotas. Um exemplo suficientemente abonador de minhas palavras é o fato de outras partes da Hélade não terem prosperado de modo comparável à Ática, exatamente por



causa de tais migrações; também os homens mais influentes de outras regiões da Hélade, quando expulsos de suas cidades em decorrência de guerra ou sedição, refugiavam-se em Atenas, comunidade firmemente estabelecida, e, adotando a cidadania ateniense, desde os tempos mais recuados fizeram a cidade cada vez maior em termos de habitantes; tanto foi assim que a Ática se tornou insuficiente para abrigá-los e, portanto, muitos tiveram eventualmente de ser mandados de lá para colônias até na Iônia²⁹.

Esse quadro apresentado pelo historiador ateniense revela, entres outras coisas, a instabilidade que levou seus remanescentes a tentarem a sorte através do processo de migração, pois a ameaça de invasões era constante. Dentro desse triste contexto social, o desenvolvimento de qualquer atividade comercial e marítima eram praticamente impossíveis. O ritmo de vida foi marcado pela incerteza e imediatez. E isso obrigava os sobreviventes a desenvolverem estratégias improvisadas para manterem a sua própria segurança em regiões mais afastadas do mar a partir desse novo tempo voltado apenas para o presente. Esse deus que antes foi a imagem de prosperidade durante a *Idade do Bronze*, após essas trágicas mudanças passa a ser visto como fonte de desespero e angústia. Com o medo constante das invasões e saques esses remanescentes precisaram recuperar outras preciosas lembranças para salvaguardarem suas vidas. Entre elas estava o desenvolvimento de estratégias de autodefesa. E eis que surge nesse momento a figura arquetípica do guerreiro que é apresentada na obra homérica, e que está em todas as culturas mediterrâneas.

Como se sabe a guerra é um fenômeno natural que marcou a vida humana desde a origem das primeiras comunidades. Na cultura helênica ela é representada pela divindade de *Ares*³⁰. Mas há outras figuras que expressam essa atividade como a deusa da discórdia chamada *Éris*. A experiência agonística não foi determinante apenas para a construção da subjetividade grega, mas também pela criação de sua organização sociopolítica. Para alguns pensadores antigos como Anaximandro e Heráclito, a guerra é uma espécie de princípio regulador de todas as coisas³¹. Esse tipo de atividade, que produziu terríveis consequências

²⁹ Tucídides, “*História da guerra do Peloponeso*”, livro I, cap. 2. Tradução de Mario da Gama Kury.

³⁰ Vide Hesíodo, “*Teogonia*”, vv. 931-934.

³¹ Vide DK, Heráclito-frag. IX, 9, e Anaximandro-frag. I, 12 A 9; Simplicio, Fis. 24, 13-25.



no mundo antigo, foi reconhecida como algo fundamental dentro da dinâmica da própria *Phýsis* que surgiu na filosofia pré-socrática. Em algumas obras literárias antigas podemos destacar diversas passagens que revelam essa importância que perdurou até a cultura clássica³². Dentro de um contexto totalmente beligerante, a poesia teve que modelar as concepções da aristocracia a partir desse paradigma que permeou todas as culturas mediterrâneas.

O guerreiro será aquele que precisa compreender o *tempo da oportunidade*³³ desse deus que atua de forma decisiva entre o sucesso ou fracasso. A vitória ou a derrota será determinada pelo diálogo mais proveitoso com essa divindade tanto nas batalhas ou no campo político. Qualquer descuido ou soberba poderá ser fatal para o guerreiro que não souber respeitar os seus desígnios. E por essas e outras que o *conceito de desmedida*³⁴ apareceu na cultura grega como algo moralmente condenável, pois as lições amargas tiradas de muitas experiências pregressas fizeram esses remanescentes da *Idade do Bronze* tomarem medidas que eliminassem esse tipo de atitude impulsiva para a sua manutenção existencial. E para o sucesso de tal objetivo, a poesia deveria estabelecer um horizonte axiológico através de seus versos para conduzir a comunidade como um todo.

Consequentemente, o vigor físico somado à capacidade de estratégia e astúcia são elementos essenciais para agir no campo de batalha e na vida. O cuidado preventivo faz o guerreiro se aproximar da figura do marinheiro e do camponês que seguem diversos procedimentos para realizar as suas atividades com eficiência mirando sempre o bom resultado, mas, diferentemente desses dois últimos arquétipos apresentados anteriormente, a imagem do guerreiro foi escolhida pela tradição homérica para educar e formar seus dirigentes através dos valores da coragem e da honra, que surgem como fundamentais para a construção moral e pedagógica que pautará simultaneamente a organização política da cultura helênica. Nesse sentido, a *Mitologia* e a *Religião*, precisaram passar por muitas

³² Vide a obra de Tucídides que citamos anteriormente como exemplo desse fato.

³³ Kairós.

³⁴ Hýbris. Na mitologia esse conceito aparece frequentemente associado à imagem da deusa do engano e da fatalidade das ações irrefletidas conhecida como Até.



reformulações para atender de modo eficiente esse novo contexto social. Coube aos *aedos* a responsabilidade dessa obrigação que visava inculcar esse novo modelo axiológico nas almas de todos os seus conterrâneos e estrangeiros.

É importante ressaltarmos que a *poesia heroica* é uma expressão literária que não foi criada pelos gregos. Como apresentamos anteriormente, essa foi uma atividade que pode ser encontrada em muitas culturas do período de Bronze, e o intercâmbio cultural foi responsável por sua disseminação em várias partes do mundo mediterrâneo. A mais antiga é a epopeia babilônica de *Gilgámesh*³⁵ que teria surgido entre o século XII e XI a.C. Assim como a *Odisseia* de Homero, essa obra relata os percalços de um homem que se torna um sábio a partir do reconhecimento de sua mortalidade que motiva a busca pelo conhecimento dessas forças divinas que compõe o nosso mundo. Gilgámesh foi o quinto rei da cidade suméria de Uruk. Depois do grande dilúvio, o monarca vivenciou situações que o fazem compreender os limites entre o mundo divino e humano. Segundo os estudos históricos³⁶, essa figura teria reinado por volta do século XXVII a.C. A obra escrita dessa saga teria surgido posteriormente como resultado de várias narrativas de origem oral como todas as obras desse período. As façanhas descritas por esses *aedos*, em torno de uma figura lendária, formam um modelo moral que serve para guiar os passos de cada comunidade. Por isso que alguns valores são destacados através de situações adversas que trazem o caráter de universalidade que produz o efeito patético tão importante para realizar o fenômeno mnemônico que atua de modo pedagógico dentro de qualquer comunidade antiga.

Nesse sentido, a imagem do guerreiro pode ser aplicada como um referencial arquetípico para outras atividades que são necessárias para o desenvolvimento da vida comunitária. Os maiores desafios que o homem primitivo teve de enfrentar foi aos poucos sendo reunidos e transmitidos para os seus pares através da memória coletiva. Os inúmeros desafios que se perfazem entre vitórias e perdas foram imortalizados pelo canto dos poetas,

³⁵ Para mais informações recomendamos a leitura da introdução do seguinte livro: SIN-LÉQI-UNNÍNNI. “*Ele que o abismo viu*”. Tradução do acádio, introdução e comentários por Jacyntho Lins Brandão. Ed. Autêntica, 2017.

³⁶ *Ibidem*.



e traz o objetivo de evidenciar ou censurar as ações humanas em um mundo marcado pela lógica da guerra. O sucesso da sobrevivência depende fundamentalmente da sabedoria de ouvir essas vozes divinas que estão em todos os lugares e, sobretudo, em nós. O poder de observação e raciocínio precisam estar em plena conexão com a saúde do corpo para guiar bem as atitudes que serão tomadas em cada circunstância decisiva. Nesse sentido, as memórias são selecionadas e surgem como um espelho retrovisor que revela as ações e as consequências em circunstâncias adversas a partir de uma profunda reflexão dessas ocorrências passadas. A finalidade é meramente prática. Nesse contexto o sentido estético é subordinado ao pragmático para que a poesia exerça o seu papel de moderador das ações humanas. Logo, a imagem do herói atua como esse representante que se destaca entre os dois mundos e ajuda a pavimentar a base cultural de cada comunidade. Mas qual será o melhor caminho para alcançarmos a prosperidade e o bem-estar?

Depois de várias experiências sofridas no passado essa questão reapareceu e pautou o interesse da cultura helênica para evitar novas tragédias. Uma prova desse fato pode ser obtida a partir de duas importantes abordagens que estimularam intensas discussões no mundo grego por volta do século V a.C em torno da origem da cultura. A primeira delas está apresentada no *mito da idade de ouro*, de Hesíodo³⁷, e a segunda podemos encontrar no *mito do progresso humano* que está associado ao pensamento jônico através de Protágoras³⁸. Em geral a *Teogonia* é uma obra destinada a ressaltar o poder de justiça de Zeus que é a causa da ordem universal do mundo que surge do caos e segue em um processo progressivo até a estruturação do cosmo. Em sua segunda obra, *Trabalhos e os Dias*, o foco do seu interesse se desdobra em apontar os problemas da natureza humana como a cobiça e a desmedida como causas do sofrimento gerado por uma aristocracia que explora o trabalho dos camponeses. A partir de três *mitos*³⁹ o poeta tenta desenvolver uma profunda análise poético-

³⁷ Vide Hesíodo, “*Trabalho e os Dias*”, vv. 110.

³⁸ Vide o mito de Protágoras que aborda entre outras coisas o destaque humano no mundo natural através do uso da razão a partir do roubo do fogo sagrado por Prometeu. Para mais informações recomendamos a leitura da introdução do seguinte livro: COLE, T. “*Democritus and the Sources of Greek Anthropology*”. Cleveland: Western Reserve University Press, 1967.

³⁹ Mito do Prometeu, de Pandora e das idades.



histórica que visa denunciar esse processo de degradação que foi ocasionado pela injustiça e orgulho ao longo do desenvolvimento pré-helênico que trouxe terríveis consequências como apontamos anteriormente.

Nesse sentido, *o mito da idade do ouro* desempenha um modelo valorativo que deve pautar a organização da comunidade grega. E para o sucesso de tal objetivo ele teve que apontar o problema, apresentar uma solução e resgatar a autoestima desses trabalhadores mais humildes que graças à força de seu trabalho sustentavam a vida luxuosa da aristocracia. Esse tipo de situação lastimável custou a vida de muitos trabalhadores. Os antigos valores foram questionados, e mais uma vez a poesia reaparece como um regulador moral através da vontade divina. O poeta através do poder das musas pintou a imagem do campesino como o seu *modelo heroico* para desconstruir a tradição homérica que estava voltada para a nobreza através da formação militar, e denunciar esse sistema de desigualdade social que ocorria no período arcaico e que só foi atenuado posteriormente com a intervenção do poeta-legislador Sólon⁴⁰.

Durante o período clássico o *mito de Protágoras*⁴¹ trouxe uma abordagem no qual a humanidade usando a sua inteligência natural aos poucos vai se organizando em pequenos grupos até encontrar socialmente a sua autonomia. O trabalho compartilhado surge nesse contexto como algo primordial para garantir o seu equilíbrio e prosperidade através da arte política e da educação. Essas duas abordagens operam em contextos distintos com o mesmo propósito, ou seja, o de auxiliar o processo de organização sociopolítico da cultura helênica a partir dos conceitos de prudência e justiça⁴² que estão imortalizados no coro de Sófocles:

“Muitos prodígios há; porém nenhum maior do que o homem. Esse co’o sopro invernos do Noto, passando entre as vagas fundas como abismos, o cinzento mar ultrapassou. E a terra imortal, dos deuses a mais sublime

⁴⁰ Vide Aristóteles, “*A Constituição dos atenienses*”, cap. II. Para mais informações sobre esse assunto recomendamos a leitura do seguinte artigo: FACÃO, E. “*Democracia, liberdade e poesia: a grande revolução popular de Atenas.*” Revista Ítaca, n: 28, editora Ufrj, 2019.

⁴¹ Vide Platão, “*Protágoras*”, 322 c.

⁴² Phronesis e Diké.



trabalha-a sem fim, volvendo o arado, ano após ano, com a raça dos cavalos laborando. E das aves as tribos descuidadas, a raça das feras, em côncavas redes a fauna marinha, apanha-as e prende-as o engenho do homem. Dos animais do monte, que no mato habitam, com arte se apodera; domina o cavalo de longas crinas, o jugo lhe põe, vence o touro indomável das alturas. A fala e o alado pensamento, as normas que regulam as cidades sozinho aprendeu; da geada do céu, da chuva inclemente e sem refúgio, os dardos evita, de tudo capaz. Ao Hades somente não pode escapar. De doenças invencíveis os meios de escapar já com outros meditou. Da sua arte o engenho subtil p'ra além do que se espera, ora o leva ao bem, ora ao mal; se da terra preza as leis e dos deuses na justiça faz fé, grande é a cidade; mas logo perde quem por audácia incorre no erro⁴³.”

Uma das funções do coro é trazer uma contextualização geral que na maioria dos casos é compartilhada por todos. Nessa passagem, por exemplo, vemos a celebração das conquistas que a humanidade tinha alcançado dentro da cultura helênica até o século IV a.C através do diálogo estabelecido com a *Phýsis*. O respeito às leis divinas e humanas surge como um aviso e lembrança das tragédias ocorridas com os seus antepassados. O caráter didático da poesia atua como uma espécie de dispositivo regulador sociopolítico, e axiológico, que foi aperfeiçoado para manter o equilíbrio em prol de uma vida próspera e estável em torno da imagem do homem. Nesse momento vemos como as grandes tragédias dos seus antepassados acelerou o processo de laicização entre os gregos⁴⁴. O modelo monárquico da realeza divina é diluído e abre espaço para um novo tipo de organização política, que mesmo mantendo alguns elos com o passado, a sua nova base é coletiva e se fundamenta na força da *ação* e da *palavra*, e não apenas no privilégio de parentesco de algumas castas com os deuses. Entre essas grandes façanhas que Sófocles exalta em sua obra estão também o domínio da navegação, agricultura e a arte da guerra que estão inalterados no imaginário coletivo das antigas grandes culturas do mediterrâneo na figura do marinheiro, camponês e do guerreiro.

⁴³ Sófocles, “*Antígona*”, vv. 335. Tradução de Maria Helena Da Rocha Pereira.

⁴⁴ Vide o terceiro capítulo do seguinte livro: VERNANT, J-P. “*As Origens do Pensamento Grego*”. Trad. Ísis Borges B. da Fonseca. Rio de Janeiro. Difel; 2002.



REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. “A constituição dos atenienses”, tradução de Delfim Ferreira Leão. Editora Fundação Calouste Gulbenkian ; 2011.
- _____. “Ética a Nicômaco”. Coleção: Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1987.
- BURKERT, W. “Greek Religion”, Harvard University Press; 1985
- CHADWICK, J. “The Mycenaean World” Cambridge University Press ; 1976.
- COLE, T. “Democritus and the Sources of Greek Anthropology”. Cleveland: Western Reserve University Press; 1967.
- DETIENNE, M. “Os mestres da Verdade na Grécia Arcaica”, Trad. Andréa Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 1988.
- DREWS, R. “The End of the Bronze Age: Changes in Warfare and the Catastrophe ca. 1200 B.C”. Princeton University Press; 1993.
- FINLEY, M.I “Early Greece: The Bronze and Archaic Ages”. W. W. Norton & Company; 1982.
- GERNET, L. “Recherches sur le développement de la Pensée Juridique et Morale en Grèce: Étude Semantique”. Paris: Ernest Leroux; 1917.
- _____. “Droit et Société dans la Grèce Ancienne.” Paris: Recueil Sirey; 1955.
- _____. “Droit et institutions en Grèce antique”. Champs-Flammarion; 1982.
- JIMÉNEZ, A. P.; DÍEZ, A. M. “Hesíodo, Obras y fragmentos”. Madrid: Gredos, 1978.
- M. P. Nilsson “The Mycenaean Origin of Greek Mythology, University of California Press; 1972.
- SIN-LÉQI-UNNÍNNI. “Ele que o abismo viu”. Tradução do acádio, introdução e comentários por Jacyntho Lins Brandão. Ed. Autêntica; 2017.
- SNELL, B. “A cultura grega e as origens do pensamento Europeu”, ed. Perspectiva; 1986.
- SÓFOCLES. “Antígona” ; introdução, versão do grego e notas de Maria Helena da Rocha Pereira. - 11ª ed. - Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian; 2018.
- TUCÍDIDES. “História da Guerra do Peloponeso”, 3ª Ed., tradução Mario da Gama Kury, Brasília: Editora da Unb; 1987.
- VERMEULE, E. “Greece in the Bronze Age”, Ed. University of Chicago; 1964
- VERNANT, J-P. “As Origens do Pensamento Grego”. Trad. Ísis Borges B. da Fonseca. Rio de Janeiro. Difel; 2002.
- WEST, M.L “Hesiod, Theogony”. Oxford: Oxford University Press, 1966.



_____. *"Hesiod, Works & Days"*. Oxford: Oxford University Press, 1978.

_____. *"Studies in the text and transmission of the Iliad"*, e K.G. Saur ; 2001.

WOOLLEY, L. *"A Forgotten Kingdom"*, Ed. Penguin Books;1953.

Recebido: 04/10/2023

Aprovado: 06/11/2023